

Notas sobre "futebol e violência" (1)

Artur Perrusi (2)

*"Como pode ser bárbaro um povo que tem como maior abstração de triunfo o grito de gol?"
Carlos Drummond de Andrade*

INTRODUÇÃO

Há muito, uma inquietação ronda o cotidiano de todo torcedor: a questão da violência no futebol! Sou um amante do fut e, enquanto tal, venho ficando preocupado com o recrudescimento da violência nos estádios. Por isso, decidi analisar algumas questões relativas ao tema "futebol e violência". Assunto difícil e complexo, mas sobretudo abrangente: futebol e violência são grudes do nosso cotidiano! Fazem parte, digamos assim, de nossas vidas. E discutir problemas que repercutem diretamente no nosso dia-a-dia pode não ser tão monumental assim (como, por exemplo, seria debater a Política ou a Arte), mas é muito mais árduo, já que são assuntos que dizem respeito a todos e, portanto, todos podem meter o bedelho - todos opinam, logo não há especialistas na matéria, estando todos em pé de igualdade na discussão; pois, nesse Brasil velho e enfadado, de quase 500 anos, não há assuntos mais "democráticos"...

Sim, "respiramos" futebol e violência no dia-a-dia. Atualmente, para a imensa maioria do povo brasileiro, essas duas "entidades" são fontes de "extrema preocupação" - em casa, na rua, no trabalho, no bar - ; tão extremas que são comezinhas, mesmo banais, fazendo parte inclusive da formação de nossa identidade. Em suma, para os brasileiros desse fim de milênio, futebol e violência são assuntos "universais", sem distinção de raça, classe ou renda.

E se ficamos alegres com a universalidade do futebol, permanecemos perplexos diante da generalidade da violência; pior, ficamos pasmos diante do encaixe quase perfeito entre o futebol e a violência. É a violência dos jogadores; dos técnicos, quando fabricam, entre outras coisas, táticas de "contenção" do jogo e do adversário; dos dirigentes, no seu *modus faciendi*; da dita "rivalidade" entre as torcidas; da mídia, quando une, entre outras coisas, futebol e ufanismo... É violência *lato sensu*: física, simbólica, ideológica, o diabo a quatro.

Alguns teóricos do esporte dirão que violência e futebol sempre estiveram intrinsecamente relacionados, e o que vemos atualmente é a renovação histórica dessa eterna relação. Ora, se a violência fundou a cultura humana (vejam os antigos jusnaturalistas e mesmo... Freud), ela estaria também diretamente conectada à gênese do futebol. Por que tantas metáforas guerreiras no meio futebolístico? O futebol não seria a guerra feita por outras maneiras? O futebol, e o esporte de forma geral, não é uma "catarse" que sublima e apazigua o instinto violento do ser humano? Pode ser, e voltaremos a discutir tal visão do futebol no artigo, pois os argumentos são poderosos e pertinentes.

Contudo, mesmo admitindo que futebol e violência tenham uma relação profunda, a impressão atual é a de que, assim como a violência vem desnaturando o tecido social brasileiro, o mesmo vem acontecendo com o futebol - uma das maiores causas do esvaziamento dos estádios em São Paulo, por exemplo, é sem dúvida a violência. Talvez estejamos vivendo uma situação limite, ultrapassando uma fronteira que separa, algumas vezes de forma indistinta, a normalidade do patológico.

O excesso de violência vem transformando qualitativamente nossa visão da sociedade e nosso ponto de vista sobre o futebol. E sendo o esporte um modo de agir e conhecer a realidade humana, e sendo o futebol o esporte fundamental do povo brasileiro, e sendo ele um amálgama de nossa identidade, um deslocamento nesse ponto de vista, uma mudança determinada justamente pela violência pode trazer, a médio e longo prazo, resultados catastróficos. Se a violência desnaturar de vez o futebol, tenham certeza de que o imaginário brasileiro vai mudar, se já não está mudando, e pra pior. Podem crer.

Por fim, para terminar esta introdução, devo dizer que o texto tem como função lançar questões, estabelecer discussões... Se os leitores começarem a se questionar sobre o problema do futebol e da violência, saberei que valeu a pena ter escrito o artigo. Em suma, não pretendo oferecer aos leitores uma resposta ao tema - resposta bem mais variada e complexa do que sonha meu limitado conhecimento -, mas sim abrir um leque de questões.

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL OU VIOLÊNCIA DO FUTEBOL

Queimando o tutano para escrever este artigo, comecei a tentar explicitar, na minha mente, qual era realmente a questão que estava examinando. Explico: vou analisar a violência no futebol ou a violência do futebol? No início, pensei que tal problema fosse um tanto inócuo, produto talvez da minha confusão mental. Depois, fui verificando que não, de fato a interrogação era legítima e podia trazer alguns esclarecimentos interessantes, principalmente se fosse entendida como um procedimento pedagógico que facilitasse a separação do joio do trigo, e por aí vai. Na verdade, a confusão não era somente um produto da minha vocação cognitiva, mas também resultado do exame das diversas posições sobre o assunto, muitas das quais completamente discordantes entre si.

no futebol...

Assim, uma visão edulcorada do futebol, quando este é entendido - alguns exemplos entre muitos outros - como uma "revolução do lazer", uma "celebração do tempo livre" ou a "união universal entre os homens", certamente examinará a violência no futebol. Ora, neste caso a violência viria de "fora", sendo externa ao futebol, isto é, não seria intrínseca ao campo futebolístico. A violência no futebol seria conjuntural, pois trazida de outro meio, este sim violento - por exemplo: seja via Estado (instrumentalização pela política), seja por uma outra esfera social (instrumentalização pelo racismo) -, que se apropriaria do nosso esporte favorito. Sem tal violência, que circunda as fronteiras do meio futebolístico, não haveria, portanto, violência *no* futebol. No fundo, não precisaríamos do conceito de violência para entendermos o futebol, enquanto objeto de estudo.

Tais posições são coerentes e vão ao encontro de nossa experiência cotidiana. A maioria absoluta dos torcedores que vai ao campo assistir a uma partida não vivencia - pelo menos, de forma consciente - o futebol como um evento violento ou que produza violência. Mesmo que ocorram "descargas emocionais", tipo palavrões, raiva da derrota ou gestos intempestivos, provavelmente tais situações não são

vivenciadas como um ato violento, enquanto tal. Aparentemente, a violência é trazida de fora, seja pela crise econômica, seja pela crise social e de segurança... Ora, se vivemos numa sociedade ultraviolenta, por que não pensar que tal violência não esteja impregnando - e trazendo-a naturalmente para - o futebol? Violência *na* sociedade e mesmo *da* sociedade, logo violência *no* futebol.

Ainda que exista muita verdade no raciocínio descrito acima, pois explica várias facetas da questão "futebol e violência", postular uma violência *no* futebol, isto é, pensá-la como um fenômeno extrínseco ao campo futebolístico, como algo que vem de "fora", dificulta a compreensão do fenômeno dos *hooligans* ou das torcidas organizadas. Explico: como a violência vem de "fora" do futebol, e sendo as torcidas organizadas grupos notoriamente violentos, de que maneira, por conseguinte, percebê-los enquanto parte do mundo do futebol, inclusive como torcedores?

Não causa surpresa que os membros das torcidas organizadas ou os *hooligans* sejam percebidos como delinqüentes (e, de fato, muitos o são!) que vêm aos estádios para bagunçar e cometer atos violentos (e, de fato, isso ocorre), mas não propriamente para torcer. Não são torcedores e não fazem parte do ordeiro mundo do futebol - eles vêm de "fora". Na verdade, fazem parte de um outro mundo, o do crime - não só do crime, pois a violência do *hooligan* é vista muitas vezes como não humana (*animals*, como dizem os tablóides ingleses) ou mesmo como inumana. Com efeito, há uma clara tendência de criminalização do "torcedor organizado", realizada principalmente pela polícia brasileira. Cuida-se do *hooligan* brasileiro da mesma forma que do marginal: na base da porrada. Torcida organizada e marginalidade são, no senso comum, praticamente sinônimos, e não por mera coincidência.

Talvez um dos méritos da polícia inglesa tenha sido o de compreender - após uma série de condutas erradas, vale dizer - que o *hooligan* não é um delinqüente propriamente dito, pois até mesmo estatisticamente a delinqüência é minoria na torcida organizada, e sim um torcedor, mas de um tipo diferente (vou discutir tal questão na continuação da série "futebol e violência", no site "Futiba" - <http://www.uol.com.br/futiba/>). De certa forma, o *hooliganismo* começou a ser visto como uma violência do futebol, e não apenas como um fenômeno comum relacionado à criminalidade, criando-se inclusive na Scotland Yard uma "unidade especial de inteligência sobre o futebol" para tratar do problema.

Compreender a violência como um fenômeno externo ao campo futebolístico possui outra dificuldade: independentemente de ser intrínseca ou extrínseca, a violência sempre existiu no futebol desde as suas origens. Por exemplo: se as origens do fut remontam à Idade Média, o jogo praticado, até então, era tão violento que, em 1214, o rei inglês Eduardo II proibiu seu exercício; na Inglaterra elisabetana, o futebol, uma espécie de "*base football player*", era visto como um jogo vil, conforme afirma o duque de Kent no Rei Lear de Shakespeare; la soule, versão francesa do jogo de bola, era tão violenta que os reis Felipe V e Carlos V tiveram que proibi-la em 1219 e 1269, respectivamente. Assim, os exemplos históricos são numerosos e eloqüentes (vários nos séculos XIX e XX), relacionando sempre futebol e violência. O futebol, historicamente, não parece um campo pacífico invadido externamente pela violência alheia, mas sim um esporte que possui a sua *própria* violência.

Desse modo, deve-se examinar a violência *do* futebol e não *no* futebol? Sim, não, mas sim, mas não, nem isso (eu pareço um tucano falando). Contudo, para facilitar, começarei pelo "sim", e vejamos aonde isso vai dar...

Do futebol (primeiro clichê)...

O que significa dizer que a violência vem *do* futebol? Bem, seguindo o raciocínio do artigo anterior, seria alegar que a violência é intrínseca ao futebol, ou seja, que não é *externa* ao mundo futebolístico, e sim, e até mesmo, constituinte do conteúdo esportivo do futebol.

Tal alegação, no entanto, não é tão evidente assim, pois as diversas posições que se nutrem dessa inferência são nuançadas, e a noção de violência é, geralmente, introduzida de forma indireta e latente. Seria raro encontrar uma posição colocando, de forma explícita, que o futebol é explicado pelo conceito de violência; na verdade, a violência é vista muitas vezes como uma consequência inevitável do futebol.

De todo modo, para fins de exposição, analisarei algumas posições teóricas - comumente encontradas no meio acadêmico - que, direta ou indiretamente, consideram a violência como intrínseca ao futebol. Por exemplo: teorias que analisam o fut como "pão e circo" ou "ópio do povo", geralmente colocado como fazendo parte do aparato de "dominação de classe"; teorias que definem o fut como uma instituição que sublima a violência, através da própria violência simbólica desse esporte, afirmando o futebol como uma "guerra feita por outros meios"; ou ainda teorias que continuam a tradição teórica da psicologia social de criminólogos e psiquiatras do final do século XIX, julgando o fut como uma degradação do tecido social, cuja massa de torcedores é vista como uma horda primitiva, anárquica e caótica, em que toda violência é possível e temida.

Analisarei especialmente essas três posições, até porque são as mais conhecidas, já fazendo parte, digamos assim, do patrimônio cognitivo do senso comum; em suma, podem ser consideradas como clichês. Aliás, nada contra os clichês, aviso logo, pois podem servir como inspiração a um argumento ou mesmo como fonte de esclarecimento e conhecimento - o futebol, por exemplo, é um mar de clichês e, convenhamos, sem eles, o que seria de nós, opinantes do fut?

Contudo, o clichê geralmente é redutor, talvez porque precise pagar o preço da simplicidade; afinal, é uma fórmula que precisa ser simples para ser repisada e popularizada. O perigo é que o clichê parece ser uma meia-verdade, isto é, não seria uma mera mentira, em que a verdade apenas está sendo negada e, portanto, continua embutida na negação; não, a meia-verdade está aquém da veracidade e além da mentira, sendo um labirinto onde se procura a verdade, mas não se sabe se a busca é vã ou realmente sem propósito.

"Futebol é pão e circo" seria um exemplo perfeito de clichê, a começar pela sua longevidade: panem et circenses eram responsabilidades do imperador romano (na verdade, de toda a nobreza romana), mas o pão e o circo foram, na época, além de uma tentativa de apaziguamento do furor plebeu (principalmente na decadência do império romano), também um *dom* à coletividade, um mecenato à cidade. Visitando cidades antigas gregas e romanas, percebe-se que vários prédios públicos foram doações de "notáveis", perfazendo um costume provavelmente relacionado a uma moral de "classe" - tal fato acontece e aconteceu na dita modernidade; no Brasil, por exemplo, vêem-se várias doações do tipo, principalmente vindas da liberalidade do nosso capitalismo emergente.

Com o surgimento da democracia e do Estado de Direito, a "doação" tornou-se "intolerável", saturando-se de desconfiança cívica, e o "dom" virou sinônimo de troca de favores - no sentido antigo, seria "pão e circo" a troca de favores que acontece no dia-a-dia entre os usuários e a polícia rodoviária. Evidentemente, as "doações" continuam, embora na surdina, principalmente em países onde o Estado de Direito é apenas de direito e não de fato; mas, com as devidas exceções, tais

"doações" são vistas com maus olhos.

Mudando historicamente as conotações públicas e privadas do termo "doação", a acepção da expressão "pão e circo" passou a significar quase exclusivamente "apaziguamento das massas". Se subentende-se o que significa "apaziguamento", deve-se concluir que as "massas", por um motivo ou por outro, geralmente estão "coléricas" com alguma coisa - como toda "elite" é paranóica por natureza, deve-se entender que a "fúria" popular invariavelmente vai de encontro ao *status quo* da sociedade.

Aparentemente, a causa do furor popular é sempre um mistério para os gentis-homens - "por que urram tanto?" - perguntam. "Estão com fome?" "Que se dê pão" - diz o papa-figo da Bahia. "Estão gritando ainda?"... "Que se dê circo" - diz o rei do paulistério. Nesse sentido, "pão e circo" significa um tipo de lazer coletivo no qual a coletividade participante submete-se a um mecanismo qualquer de "apaziguamento" de seu furor e/ou de sua tendência à sublevação, sofrendo, com isso, um "afastamento" de seus verdadeiros interesses.

Em suma, a "massa" distrai-se e se esquece da dura realidade - tal visão pode-se misturar teoricamente com a teoria da catarse e da sublimação, como veremos mais adiante. O futebol, enquanto "pão e circo", seria uma espécie de ópio que anestesiaria os torcedores, desviando-os das mazelas cotidianas e de uma conscientização política da realidade. O futebol produziria, assim, uma "despolitização" das massas, fazendo parte do aparato simbólico de dominação das "classes dominantes". O futebol, enquanto "pão e circo", faria parte das diversas formas de "violência simbólica" que alienam as massas, os trabalhadores e quejandos.

Bem, pode-se fazer várias críticas a essa posição. Uma das observações possíveis seria bem pessoal: minha sensação é a de que, se o escrito acima for verdadeiro, eu seria, digamos assim, um parvo. Sim, um parvo. Bem, primeiro implica dizer que preciso ser apaziguado de alguma forma, mesmo que minha mãe repita que fui e sou um rapaz calmo e pacífico - de qualquer forma, o famoso "apaziguamento das massas" está indo de água abaixo: o torcedor violento entra violento no estádio e sai tão violento quanto. Segundo, que as partidas de futebol "distraem-me" ao ponto de esquecer a dura realidade brasileira e a existência de Eurico Miranda ou a de Ricardo Teixeira - vou ao estádio e volto "limpo" de rancor e de raiva contra o mundo.

Não sei se é porque tenho um ressentimento danado contra o *establishment* ou porque seja vacinado contra a alienação, mas o problema é que não me esqueço de nada! Posso me distrair, é claro, e o futebol é uma forma de distração, mas nenhum mecanismo cognitivo entorpece meu senso crítico por causa do futebol.

- Mas você é um pequeno-burguês! - exclama um espírito de porco.

Certo, sou um pequeno-burguês, e sendo assim, tenho uma vida melhor, uma educação formal e mais acesso às informações, podendo combater um pouco mais eficazmente a "alienação". Mas isso quer dizer que o "popular" é um débil mental que vai ao estádio e "esquece" que é miserável, que há pobres e ricos, sacanagens, dominação, repressão, exploração nesse mundo? A "alienação" causada pelo efeito "pão e circo" do futebol seria seletiva, ao ponto de poupar um pequeno-burguês, mas não um "plebeu"? Um mecanismo seletivo de classe?

Evidentemente, há imbecis no povo, tanto quanto há na pequena ou grande "burguesia"; afinal, a imbecilidade não é um monopólio de classe. Mas não consigo compreender - ou, pelo menos, até hoje nunca li tal explicação - como funciona

esse mecanismo cognitivo de "despolitização" do torcedor. Seria o espetáculo em si? Mas como? A bola teria uma função hipnótica, causando um efeito de distanciamento da realidade? Mas como? Seria o efeito de distraimento?

Confesso que, durante uma partida de futebol, esqueço-me *momentaneamente* do PFL e quejandos, mas declaro que faço a mesma coisa quando escuto música, quando assisto a um filme no cinema, quando estou lavando os pratos... Em suma, geralmente o ócio e o lazer distraem-me o suficiente para esquecer-me *momentaneamente* das mazelas do cotidiano e da dura realidade brasileira. No fundo, não é propriamente um esquecimento, e sim uma mudança de foco e de atenção. Partindo do princípio de que a normalidade da cognição humana não passa necessariamente pela obsessão, podemos supor que não ficamos o tempo todo concentrado num tema ou assunto. Assim, mudar de tema ou se distrair com uma atividade de lazer, isto é, assistir a um jogo de bola, por exemplo, não significa um esquecimento ou um distanciamento duradouro da realidade.

A teoria do futebol como "pão e circo", advogada por alguns setores da esquerda, retoma *mutatis mutandis* o velho preconceito conservador contra o lazer das classes populares. Se o conservador gostaria de ver, no fundo, o trabalhador não parando de trabalhar (férias? Que desperdício!), o "esquerdista" gostaria de ver o trabalhador não parando de... militar. Nesse sentido, o futebol ocuparia o tempo da militância, inviabilizando a luta de classes - quem não se lembra da "proibição" de torcer pelo Brasil na copa de 70, quando nitidamente a ditadura estava instrumentalizando as vitórias da canarinha?! O conservador e o "esquerdista", assim, reencontram-se numa velha encruzilhada, onde reproduzem uma velha mania elitista: a dos educadores das massas - essa plebe que, se não trabalha, vai gastar o dinheiro na bebida; se não milita, vai alienar-se no futebol!

Contudo, não nego que o futebol *também* seja um instrumento de controle social, embora tanto quanto as férias ou a escola. Tais instituições, incluindo o fut, não têm uma natureza fixa; nesse caso, uma natureza alienada. São espaços coletivos que podem ou não ser instrumentalizados (à direita ou à esquerda), dependendo da conjuntura histórica. O fut, como manifestação coletiva da vida em sociedade, oferece um "campo" onde as pessoas expressam sentimentos, emoções e descontentamentos que podem ou não ser vinculados a outras "instituições sociais", como a política. E tais vinculações são históricas, e não ontológicas, isto é, não são dadas de forma evidente como se fizessem parte da natureza do futebol.

Por que reduzir o ato de torcer por um clube de futebol a uma compensação ilusória? Por que transformar o gosto pelo espetáculo num distanciamento da realidade? É inegável o prazer que um torcedor sente em assistir a uma partida de futebol, mas duvido muito que tal hedonismo apague-lhe a diferença entre a diversão e o cotidiano, independentemente do fato de viver numa sociedade onde seu dia-a-dia tem como horizonte a exclusão social e a quase ausência de mobilidade social. Não é porque gritei feito um louco pelo Santa Cruz, exclamei invectivas febris contra o Sport ou saí completamente extenuado depois de uma vitória ou de uma derrota do meu clube, que perdi a minha capacidade prosaica de dar sentido à minha vida e às minhas preocupações.

Enquanto torcedor, não estou condenado à passividade política, à alienação e à reprodução das relações de dominação. Degusto o "pão" e vou ao "circo" - mas, juro que a minha alma não fica corrompida, mesmo voltando "pra lá de Bagdá" ao lar; em suma, permaneço intacto espiritualmente (pelo menos é o que descubro no outro dia quando - para o bem ou para o mal - olho-me no espelho)...

Do futebol (segundo clichê)...

Pode-se imaginar a seguinte hipótese: digamos que vivemos numa sociedade ultraviolenta; melhor ainda: digamos que nossa sociedade seja intrinsecamente violenta, seja por atavismo, seja por Destino, seja-lá-por-qual-motivo-for. Sim, digamos tudo isso e, a partir disso, fiquemos um tanto embatucados em saber como nossa sociedade se equilibra ou resolve, de *alguma forma*, o problema da violência, já que *intuitivamente* sabemos que ela é um grande perigo para a manutenção da "vida social" - deixo de lado, por ora, esse mal-estar (ou aporia) básico de uma sociedade *naturalmente* violenta, tendo que lutar contra sua própria natureza, mas não conseguindo evitar de se manter enquanto tal, isto é, violenta.

Uma das prováveis soluções para a reprodução de uma sociedade intrinsecamente violenta seria a existência de instituições de sublimação, isto é, instituições sociais que sublimem ou purifiquem a violência. Assim, através de um processo de "sublimação" ou de purificação, a violência seria eliminada ou diminuída, permitindo que a sociedade se reproduza e controle sua própria "fúria" interna. Tais instituições funcionariam à semelhança da tragédia grega, cuja "função" era "aliviar" a "tensão" social através da encenação dramática de situações terríveis, ou seja, *de coisas de nunca mais se ver, mesmo com o tanto de coisas passíveis de nunca serem vistas* que tinham lugar na vida e no imaginário gregos; assim, ao trazer à tona os mais entranhados sentimentos e emoções, a tragédia proporcionava ao homem grego antigo uma espécie de purgação e alívio dos mesmos.

Tal interpretação da tragédia grega (pelo menos, *uma* das interpretações) foi dada por Aristóteles, via sua conhecida teoria da catarse. Podemos imaginar, caso tal interpretação seja correta, o grego antigo como um ser humano atormentado por sentimentos de extrema intensidade e violência, necessitando de uma instituição, como o teatro, que aplacasse ou diminuísse o poder desagregador do seu próprio *pathos*. Contudo, vale assinalar que Aristóteles considerava *também* o teatro grego como uma instituição que *formava* e *educava* o indivíduo, perfazendo o que se chamava, naquela época, de *paidéia*.

Pode-se discutir por que os modernos apropriaram-se muito mais do lado estético ou psicológico (por exemplo: teoria da sublimação da violência) da teoria aristotélica da catarse do que do seu lado ético ou pedagógico. Os motivos dessa apropriação unilateral são vários e, infelizmente, não há tempo nem espaço para discutir tal assunto aqui; de todo modo, o que importa nesta discussão é que a teoria da catarse foi identificada a uma teoria de "purificação" ou "sublimação" de algumas potencialidades humanas, como a violência, por exemplo.

Pois bem, se na Grécia Antiga o teatro tinha um papel de "sublimação", quais seriam as instituições modernas que cumpririam tal função? Pode-se especular sobre muitas, mas uma das principais certamente seria o esporte e, em particular, o futebol. A prática do futebol e, principalmente, o espetáculo futebolístico representariam no mundo moderno o que a tragédia teria sido na antiga Grécia. A catarse do futebol eliminaria, diminuiria ou purificaria a violência que todo torcedor ou espectador traz, de forma implícita ou explícita, do meio onde vive e trabalha ou mesmo do seu próprio fórum íntimo.

Sendo várias as teorias que se nutrem do paradigma da teoria da catarse, reuni-las-ei, no intuito de simplificar, em dois grupos: o primeiro diz respeito às teorias "terapêuticas" da catarse⁽²⁾; o segundo, às teorias "perpetuadoras" da catarse⁽⁴⁾. As teorias "terapêuticas" da catarse, no geral, subentendem o seguinte: a catarse oferecida pelo espetáculo futebolístico "purga" a violência potencial ou real do torcedor; nesse sentido, a catarse possui uma função terapêutica, pois aliviaria e "trataria" a violência potencial ou real do indivíduo.

Já as teorias "perpetuadoras" da catarse julgam o espetáculo futebolístico como reproduzidor ou mesmo reforçador da violência latente ou concreta do torcedor; nesse caso, a catarse seria "negativa", mais parecida com um êxtase propagador de um estado potente ou real de um indivíduo. De todo modo, as teorias "perpetuadoras", assim como as "terapêuticas" afirmam que o espetáculo futebolístico substitui uma violência real e concreta por uma outra simbólica, quase sempre virtual e imaginária. A "função" principal da catarse seria justamente evitar a *realização* da violência real, substituindo-a por uma violência simbólica. Seria tal assertiva que uniria as teorias "terapêuticas" e "perpetuadoras"... Nesse sentido, as teorias "terapêuticas" seriam otimistas, visto implicarem que o torcedor sairia do espetáculo futebolístico, pelo menos *temporariamente*, sublimado da violência; já as teorias "perpetuadoras" seriam pessimistas, pois não é garantido que o torcedor saia purificado da violência - na verdade, o mínimo que se garante é a *realização simbólica* da violência potencial ou real do torcedor. Tenta-se prevenir, assim, o risco da explosão concreta da violência, que colocaria em perigo o tecido social. Pode-se traduzir pragmaticamente tal visão da seguinte forma: diante do risco de violência concreta, é preferível a violência simbólica. E como se daria a catarse? Em outras palavras: qual seria a "metodologia" da purificação e/ou da perpetuação?

As respostas são variadas... Talvez as mais comuns - tanto do lado das teorias "terapêuticas quanto do das "perpetuadoras" - sejam aquelas que relacionam o espetáculo futebolístico com o fenômeno da guerra; isto é, o futebol seria uma espécie de "guerra ritual" ⁽⁵⁾. Assim, no espetáculo futebolístico, o torcedor faria parte ou assistiria a uma *mimesis* simbólica da guerra e, a partir dos rituais desse processo mimético e simbólico, purgaria ou reproduziria a violência social. E, de fato, não é difícil encontrar exemplos da *mimesis*: gritos de guerra das torcidas; metáforas guerreiras: atacante, ataque, contra-ataque, artilheiro, etc.; investimentos simbólicos em signos, tais como bandeiras, emblemas, insígnias; explosão de sentimentos e emoções de intensa carga agressiva, externados geralmente por expressões e gestos chulos, e por aí vai.

O futebol, desse modo, purgaria ou reproduziria a violência através da reprodução simbólica da atividade mais violenta da espécie humana: a guerra! O fut seria a "guerra realizada por outros meios"! "Terapêuticas" ou "perpetuadoras", as teorias da catarse conectariam organicamente o futebol ao fenômeno da violência. E a "materialidade" dessa *mimesis* seria principalmente os ritos típicos do jogo de bola - sistemas de regras e cerimônias que "formatam" o fenômeno futebol.

E não falo de rituais à toa; afinal de contas, as teorias que se nutrem da teoria da catarse, ao tentarem compreender como ela se realiza, utilizam abundantemente conceitos provenientes da sociologia e da antropologia da religião - parafraseando um etnólogo francês ⁽⁶⁾: a partida é um rito; a Igreja, o clube; a Cúria, os dirigentes, e os padres, os comentaristas esportivos... Sendo uma religião profana, pode-se dizer que o futebol assume *também* a função do mito, no sentido de resolver as tensões, os conflitos e as contradições sociais - que geram a violência - no campo do imaginário, da fantasia, da substituição simbólica, já que tais questões não poderiam ser equacionadas na realidade.

O futebol parece ser, assim, uma guerra sem exércitos e uma religião sem Deus.

Se boa parte do dito acima é pertinente e tem sua utilidade na análise do futebol, várias dúvidas e questões persistem (pelo menos no meu espírito) e vale a pena examiná-las criticamente:

- talvez um dos problemas de se imaginar um processo catártico purificador ou reproduzidor seja o de se conceber o mecanismo cognitivo pelo qual se realiza a catarse. O que quero dizer é o

seguinte: digamos que, por força do argumento, o futebol seja realmente uma "guerra ritual"; sendo assim, como o indivíduo (neste caso, o torcedor) interioriza tal processo simbólico de substituição? O processo de interiorização é consciente ou inconsciente? O mecanismo cognitivo aparenta-se à sugestão hipnótica?;

- se sou um indivíduo violento, posso aventar que o futebol, como "guerra ritual", reproduziria ou mesmo estimularia a minha violência; contudo, mesmo sendo violento, a passagem do gesto (as diversas condutas ritualísticas que faço durante a partida de futebol) ao ato (um ato qualquer de violência) não é evidente e imediata - um filme de ultraviolência tipicamente americano incita à violência? Ora, a discussão não é simples... E, num exemplo contrário, se sou um torcedor pacífico (como a imensa maioria dos torcedores...), o que acontece quando sou alvejado pela violência simbólica? Permaneço pacífico enquanto tal, sublimado pelo espetáculo, ou fico feito uma jaritataca furiosa presa numa gaiola? Considerando as duas opções, o que acontece exatamente em mim? Sou sugestionado? Sou estimulado? Sou manipulado? Sou purificado? Sou alienado? Tudo indica que o processo catártico, segundo tais teorias, é consumado à *minha revelia* ; mas, como todo processo inconsciente, seus mecanismos precisam ser decifrados e conhecidos, e até agora não o foram. Assim, considero as teorias da catarse *ainda como uma hipótese a ser demonstrada* ;
- acredito que considerar o fut uma "guerra ritual" não é pertinente ou, simplesmente, não ajuda a entender o futebol enquanto tal - inclusive, vale o mesmo raciocínio na consideração do fut como uma religião profana. Não nego que possam existir elementos religiosos ou "guerreiros" no futebol; no entanto, discordo da redução do futebol a tais elementos ou, expressando-me de uma forma mais contundente, não concordo em se subsumir a autonomia do fut, enquanto fato social total, ao campo da guerra ou da religião. Assim como nem todo prazer tem um caráter sexual (como apregoa o pansexualismo freudiano), nem toda paixão ou violência tem um conteúdo religioso ou guerreiro, respectivamente;
- se o fut é uma "guerra ritual" ou uma violência simbólica que substitui a violência social concreta, cabe uma pergunta relativamente ingênua: a maioria dos torcedores e daqueles que participam do mundo futebolístico têm uma "representação" do fut como uma "guerra ritual" ou uma violência simbólica? Minha hipótese (confesso que é baseada na intuição) é que não. Se tal hipótese é comprovada, invalida a teoria da catarse? Não, já que, aparentemente, o processo catártico seria inconsciente; logo, independente da opinião e das representações do torcedor. Nesse sentido, a representação do torcedor não serve como critério de verificação ou validação da hipótese da catarse, visto que o processo catártico é realizado à *revelia* do torcedor. Em suma, a opinião do torcedor vale pouca coisa, exceto para mostrar a disparidade entre sua consciência e os processos sociais que moldam sua prática e suas representações de forma inconsciente.
- tudo bem, muitas vezes a verdade está oculta e vai de encontro às reflexões dos comuns dos mortais. Mas, outras vezes, o profundo está oculto, só que na superfície... Ou, como disse Oscar Wilde, "o verdadeiro mistério do mundo é o visível e não o invisível". E, se o "visível" aparece através das representações dos indivíduos, talvez seja interessante levar em conta a opinião de indivíduos que estão diretamente relacionados com o fenômeno em questão - os torcedores e suas opiniões sobre o futebol -, e não considerar tais

opiniões como ilusões a priori. Portanto, à *revelia* de sociólogos e antropólogos, os torcedores e aqueles que participam do mundo futebolístico "sabem", "entendem", "conhecem" e produzem "conhecimento" sobre o futebol;

- pode-se apresentar inumeráveis exemplos de violência no futebol, e tal fato deve ser considerado; contudo, acho que a pergunta fundamental talvez seja a seguinte: *por que a maioria absoluta das partidas de futebol no mundo inteiro terminam pacificamente e não causam distúrbio algum?* Por que as consequências cotidianas do futebol são apenas esportivas e não políticas, ideológicas, éticas e étnicas? Convenhamos, não é um típico exagero "intelectual" considerar o futebol como uma "guerra feita por outros meios"?!;
- as teorias que se nutrem do "paradigma" da teoria da catarse apresentam a seguinte premissa antropológica: a violência é um instinto básico do homem. Tal premissa é derivada de um velho mito fundador da modernidade: a violência é fundadora da cultura (sociedade). Tal mito foi canonizado pelos jusnaturalistas, advogados do "direito natural", e principalmente pela filosofia social de Hobbes. Provavelmente é um mito enraizado noutra mais antiga ainda: a Doutrina do Pecado Original da tradição judaico-cristã. Afinal, a violência como "instinto" faz parte de nossas noturnas entranhas, endemoninhadas após a Queda (falo daquela "queda" primeva, a da maçã, e não da última - a Daquela Muro, que não deixa de ser uma pálida metáfora da primeira).

Considero a Doutrina do Pecado Original como uma das mais profundas "teorias" psicológicas do ser humano, sendo uma tradição de pensamento que vai de Stº Agostinho, Swift, e o escambau, até o maior moralista do século XX: Freud! Seria uma belíssima crítica a todo racionalismo ingênuo que acredita num poder quase divino da Razão, desconhecendo nossas "profundezas", lugar de tantos mistérios e desvios. Como disse um adepto da Doutrina, Pascal: "o coração tem razões que a própria razão desconhece". Pois é, e a violência seria uma dessas razões misteriosas e refratárias à Razão... Mas o problema não é o fato de se reconhecer a natureza misteriosa e irracional de nossas entranhas; o problema é outro: se a violência é fundadora da cultura ou da sociedade, ela seria *anterior* ao mundo propriamente humano; ela seria *natural*. A *naturalização* da violência é uma consequência direta do seu papel de fundadora da cultura humana - sendo *natural*, é impossível mudar a *natureza* violenta do homem, exceto talvez através da... engenharia genética. Por isso a necessidade de instituições sublimatórias da violência; por isso a consideração do esporte e, em particular, o futebol, como uma dessas instituições; por isso a busca obsessiva de demonstrar que o fut é violento.

Prefiro enveredar por outro caminho: considero a violência como um fato cultural por excelência. Faz parte da vida social humana, não lhe sendo anterior. Seria uma potencialidade tipicamente humana, existindo *virtualmente* e em exemplos *individuais* - caso de uma sociedade baseada em valores pacíficos -, ou como determinação social fundamental - caso de uma sociedade como a da Alemanha Nazista. A violência não está inscrita na biologia humana e sim na sua cultura. Ela não é *natural*. Um leão ou outro mamífero superior não é violento; ele pode ser *agressivo*. A conexão da violência com a natureza biológica do homem dá-se justamente através do fenômeno *natural* da agressividade. A violência não deve ser confundida com a *agressividade*. Para existir violência, seria necessária a existência de uma sociedade humana, isto é, seria preciso a existência da linguagem, da cultura, da vida social e do... desejo. Sim, desejo. A violência é o desejo,

explícito ou tácito, de destruição⁽⁷⁾. O desejo, por mais que os sociobiólogos esperneiem, não existe no mundo não humano, nem como tal nas sociedades primatas. Chita jamais desejou, nem mesmo a Tarzan...

Assim, não concebo *a priori* o fut violento, embora este possa, dependendo do contexto, tornar-se assim; contudo, creio que um futebol indefinidamente violento definharia, pois sua contínua violência entraria em profundo conflito com suas regras que são *explicitamente* contra atos violentos. O futebol pode ser considerado agressivo, pois é um esporte de "contato", muitas vezes ríspido. Um zagueiro, quando comete uma falta, não é necessariamente violento. A falta é *parte inevitável do jogo*. Mas, se um técnico manda fazer as famosas faltas de contenção no meio do campo ou manda quebrar o craque do time adversário, tais faltas são violentas, pois houve premeditação, intenção e desejo de violência.

Quem torna o fut violento não seriam nossos instintos, e sim nós mesmos, enquanto sujeitos de sentido e de desejo. Não herdamos a violência e sim a "construímos". Um dos primeiros passos para prevenir a violência seria assumi-la enquanto potencialidade do humano. O apelo para que se acabe com a violência - no caso aqui, do futebol - é o apelo para que se acabe com uma situação que necessita de violência. Como todo valor da humanidade, a violência é indestrutível; pois, mesmo não "existindo" numa determinada realidade, sempre "habitará" os mundos da probabilidade e da possibilidade - como disse Gramsci, "a possibilidade não é a realidade, mas não deixa de ser *uma* realidade". A violência pode ser evitada ou mesmo protelada, sendo um preço a pagar exigido pelo "processo de civilização". A grande questão talvez seja, assim, lutar pelo adiamento desse pagamento.

Do futebol (terceiro clichê)...

Talvez, de todos os clichês, o agora analisado seja o mais preconceituoso em relação ao futebol - atualmente é aquele que está se tornando o mais popular, provavelmente por causa do recrudescimento da violência nos estádios. É um clichê que tem suas raízes na psicologia social do século XIX, sendo uma espécie de atualização do famoso estudo de Gustave Le Bon: "A psicologia das multidões"⁽⁸⁾. Seria a "demonização" da multidão, entendida como uma horda anárquica e desorganizada, movida basicamente por instintos, personificando, enquanto tal, a morte dos laços sociais. Seria como se, a partir da multidão, a interação social deixasse de existir. E, uma vez que os instintos, nessa psicologia racionalista, são vistos de uma forma "negativa", significando mais uma perversão da razão do que outra coisa, a violência tornar-se-ia, enquanto instinto típico, o *leitmotiv* da multidão.

E como ficaria o indivíduo na horda?

Nada bem. Ele sofreria um processo de regressão cognitiva, com a conseqüente perda do seu controle volitivo, sendo comandado pelo caos impessoal da multidão. O indivíduo perderia sua individualidade e sua identidade, pois seria vítima de uma fusão entre sua personalidade e a massa. O resultado de todo esse processo é aterrador: perdendo sua individualidade, o indivíduo perde sua razão, afasta-se da "civilização" e se inunda de "instintos básicos", principalmente os mais pavorosos, a começar pela violência. Sim, ele se torna muito violento...

Tal visão seria um clichê de matiz conservador, atestando um conhecido medo de base: o medo das massas, tão característico do século XIX e de várias "elites" de nossa época. Seria a defesa desesperada da integridade do

indivíduo diante do poder de fusão da multidão. Pode-se até conceber uma situação em que ocorra tal fusão; pode-se até pensar em alguns exemplos concretos de fusão, principalmente nos casos cujo "tema", que move e interpela a turba, seja "negativo" e de fácil assimilação emocional; contudo, tais situações são bem específicas e não podem funcionar como paradigma para outras situações que envolvam "multidões".

Sociologicamente, "a multidão como horda ensandecida" seria uma interpretação de tipo irracional da ação coletiva. Ainda que se possa conceber determinadas ações coletivas irracionais, geralmente a ação coletiva, mesmo quando ocorrem explosões de violência, é inteligível e a violência motivada, sendo dificilmente assimilada a explosões irracionais.

O clichê pode ser conservador, mas não é monopólio de intelectuais assumidamente conservadores. Pode-se encontrar a utilização do clichê, até mesmo com mais virulência, entre intelectuais de esquerda, principalmente na análise do fenômeno do hooliganismo ⁽⁹⁾. E, de fato, as torcidas organizadas são vistas, não apenas no meio acadêmico, mas também no "senso comum", como hordas babando sangue (e, muitas vezes, a violência das torcidas a isso se assemelha). O clichê emigrou de uma avaliação geral de toda multidão e de toda ação coletiva, para uma consideração específica de um fenômeno social particular: as torcidas organizadas.

Contudo, seria difícil considerar a torcida organizada como uma horda anárquica e desorganizada; ao contrário, ela parece ser "ultra-organizada" - vide o exemplo de hooligans alemães utilizando meios sofisticados de comunicação e de organização durante a última copa do mundo na França. A torcida organizada não é uma "horda", embora seja violenta - ao menos, os rituais que "guiam" as condutas dos indivíduos na torcida organizada parecem estimular as relações de agressividade e, conseqüentemente, a transformação desta em violência.

Tal violência seria irracional? Acredito que não. Boa parte da violência das "organizadas" é nitidamente premeditada, motivada e dirigida contra seu pior inimigo: uma outra organizada. E, na maioria das vezes, a violência das organizadas nunca se concretiza, realizando-se num complexo aparato de mise-en-scène, no qual o teatro e a simulação de violência - a "exibição" da torcida - parecem ser mais importantes do que propriamente o confronto físico entre as torcidas.

Pode-se fazer a hipótese de que a "ultra-organização" das organizadas surja justamente a partir de um meio "anômico", isto é, de um meio social onde as normas e as regras perderam boa parte de sua legitimidade e de sua eficácia; onde as pessoas não sabem mais quais são os direitos e os deveres de um convívio social contratual e institucional; onde não sabem mais a quem recorrer porque a legitimidade de toda sanção foi por água abaixo. As organizadas se nutrem então da anomia? Talvez. Da insegurança social generalizada? Pode ser. No entanto, mesmo que tais hipóteses sejam falsas, acredito que as "organizadas" são, de fato, organizadas e que sua violência, quando acontece, não é "instintiva" ou "irracional", e sim desejada e, muitas vezes, premeditada.

INCONCLUSÕES

Depois de todo esse périplo, confesso que termino a viagem um tanto insatisfeito. Na verdade, meu desagrado recai justamente na divisão básica do artigo: a violência *do* e a violência *no* futebol. Inicialmente, pensei que

tinha sido um bom *insight* e, de fato, tal divisão ajudou-me a perceber algumas questões; mas com o transcorrer da análise fui enredando-me em algumas dificuldades teóricas. O que quero dizer é o seguinte: várias teorias examinadas no artigo analisam a violência como sendo *no* futebol e, *também*, do futebol. E, provavelmente, a realidade da violência está no e vem do futebol; afinal de contas, ela pode perpassar toda e qualquer instituição social. No fundo, enredei-me nas aporias do dualismo entre o externo e o interno, entre o "dentro" e o "fora", entre o *no* e o *do*...

Como superar tais aporias?

Sinceramente, não sei bem... Talvez uma das formas seja reavaliar o papel do futebol na sociologia e na antropologia. O futebol sempre aparece *explicado* por outras realidades, como a religião e a política. Sua verdade está sempre deslocada de si mesmo, em outro lugar que não o do futebol. O ponto de referência para compreendê-lo sempre está fora de si mesmo, como se, somente através da política ou religião, por exemplo, o futebol pudesse *realmente* ser entendido. Enquanto tal, não seria inteligível; enquanto derivação de outra instância, enfim seria compreendido.

Talvez devêssemos compreender o fut como um fato social total; isto é, como um "campo" ou uma "instituição" relativamente autônoma. Mais: não só autônoma, mas que também condensasse várias outras determinações sociais. O futebol *também* serviria como ponto de referência para se entender outros fenômenos sociais como a religião, a política e, no caso do tema desse artigo, a violência. Ao invés de explicarmos o fut pela violência, faríamos a viagem inversa: explicaríamos várias facetas gerais da violência via o futebol. Imaginem explicar detalhes da missa de padre Marcelo via o espetáculo futebolístico? Em suma, a sociologia do esporte deveria reivindicar, por exemplo, um status epistemológico semelhante ao adquirido pela sociologia ou pela antropologia da religião ⁽¹⁰⁾.

Não acho que esteja exagerando. O futebol tem uma importância fundamental para o brasileiro; entender nossos valores e nossos processos de identificação passa necessariamente pelo futebol. Parodiando o antigo técnico irlandês do Liverpool, Bill Shankly: o futebol, para o brasileiro, não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante do que isso. Como desprezar esse ponto de referência básico para compreendermos a nós mesmos?

Aproveitando que estou entusiasmado, diria que o futebol é uma das instâncias sociais brasileiras que encarna o que tem de mais moderno no povo brasileiro. O fut é competição, epopéia individual, ascenso e descenso, mobilidade social, mérito, fim dos status de nascença, de etnia, social e de renda, afirmação de soberania nacional - o fut é a encarnação do desejo igualitário do povo brasileiro. O fut é trabalho em equipe, divisão de tarefas, planificação de todos, projeto em comum, união de cores e de sentido, organizador de corações e mentes, êxito coletivo - o fut é a encarnação do desejo de solidariedade do povo brasileiro. O fut é contingência, destino incerto, o imponderável, estando entre o certo e o errado (bola na mão ou mão na bola? Foi falta ou não?), o justo e o injusto (mereceu a vitória?), o legítimo e o ilegítimo (o juiz roubou?) - o fut é a encarnação do desejo de justiça e liberdade do povo brasileiro.

Ufa!, fim do ufanismo... mas vocês não acham que a fenomenologia do drible do jogador brasileiro diz tanto de nosso "caráter" quanto o candomblé e o carnaval?

Enfim, o futebol encarna e produz valores caros às sociedades democráticas... para o bem ou para o mal. Pois a epopéia futebolística também nos avisa que, na modernidade, onde tem vencedor, tem perdedor; onde tem mérito, tem "jeitinho"; onde tem altruísmo, tem egoísmo; onde tem um, tem outro. O fut nos avisa que, no nosso mundo, entre o êxito e o fracasso, há uma incerteza fundamental - assim, ele nos consola, pois, numa sociedade onde a exigência do sucesso é absoluta e o fracasso significa depressão, pelo menos ficamos sabendo que o acaso, de vez em quando, abre uma ferida no Destino. O fut encarna, definitivamente, uma das leis cotidianas da nossa modernidade: "a interdependência complexa dos destinos na busca da felicidade" ⁽¹¹⁾.

Que assim seja!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTES de la recherche en sciences sociales. (1994). **Actes de la recherche en sciences sociales - Les enjeux du football**(102).

BROHM, Jean-Marie. (1982). **Les meutes sportives: critique de la domination**. Paris: L'Harmattan.

COSTA, Jurandir Freire. (1984). **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal.

EHRENBERG, Alain. (1991). **Le culte de la performance**. Paris: Calmann-Lévy.

ELIAS, Nbert & DUNNING, Eric. (1986). **Sport et civilisation**. Paris: Fayard.

LE BON, Gustave. (1975). **Psychologie des foules**. Paris: Retz.

LE MONDE Diplomatique. (1998). **Le Monde Diplomatique - Manière de Voir - Football et passions politiques** (29).

PERELMAN, Marc. (1998). **Le stade barbare, la fureur du spectacle sportif**. Paris: Éditions Mille et Une Nuits.

SEBRELI, Juan José. (1998). **La era del fútbol**. Buenos Aires: Sudamericana.

NOTAS

1) Com várias modificações, este artigo faz parte da série "futebol e violência", publicada originalmente no site "Futiba" - <http://www.uol.com.br/futiba/> - onde assino uma coluna esportiva: "Fora do Eixo". Sendo uma série ainda inacabada, os artigos continuarão a ser produzidos; assim, caso alguém se interesse em acompanhar o prosseguimento dos textos, é só acessá-los na internet. Por outro lado, preferi não "academizar" o texto, deixando-o no estilo original, pois uma mudança formal não melhoraria necessariamente o conteúdo; além do mais, acredito que discutir futebol tem como referência estilística... a mesa de bar e algumas cervejinhas. Dessa forma, seria um desrespeito a todos os torcedores de futebol um texto "sério" e que não caísse "nos braços do adjetivo ululante".

2) Professor do Departamento de Ciências Sociais - CCHLA - UFPb, João Pessoa.

2) Mesmo que seja redutor colocar a teorização de Elias no grupo das teorias "terapêuticas" da catarse, pois ela é muito mais complexa e abrangente, preferi correr o risco; afinal de contas, o dito "processo de civilização" que refina, sofisticada e suaviza, ao longo do tempo, a agressividade primeva dos seres humanos transforma, através do esporte, a violência concreta em violência simbólica, isto é, faz justamente o que apregoam as teorias da catarse. Ver Nbert Elias e Eric Dunning, "Sport et Civilisation", Paris, Fayard, 1986.

4) Ver, por exemplo, Ignacio Ramonet, "Le Football, c'est la guerre", Manière de voir (Le monde diplomatique), n°29, maio-junho 1998.

5) Ver, por exemplo, Marc Perelman, "Le stade barbare, la fureur du spectacle sportif", Paris, Éditions Mille e une nuits, 1998.

6) Ver Marc Augé, "Un sport ou un rituel", Manière de voir (Le monde diplomatique), n°29, maio-junho 1998.

7) Ver a defesa da violência como desejo de destruição no livro de ensaios de Jurandir Freire Costa, "Violência e Psicanálise", Rio de Janeiro, Graal, 1984

8) Ver Gustave Le Bon, "Psychologie des foules", Paris, Retz, 1975.

9) Ver Jean-Marie Brohm, "Une violence cannibale", Manière de voir (Le monde diplomatique), n°29, maio-junho 1998. O título do artigo, sem dúvida, é extremamente sugestivo; já o título de um livro do autor, praticamente diz tudo: Les meutes sportives. Critique de la domination. Lembrar que "meutes"

em francês significa uma tropa de cachorros treinados para a caça...

10) Para uma defesa admirável dessa tese, ver Alain Ehrenberg, "Le culte de la performance", Paris, Calmann-Lévy, 1991.

11) Christian Bromberger, "Le révélateur de toutes les passions", Manière de voir (Le monde diplomatique), n°29, maio-junho 1998, página 25.